

BeCool

+

Para entender a pós-
-verdade

Cláudia Costin
"A educação no
Brasil não ensina a
pensar"

Dor = resultado?

Theba Pitylla





RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

BeCool

SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Camila Cabello

6 | SETLIST

Pra curtir este mês de verão

7 | ROTEIRO SP

Fevereiro de 2017

44 | FAZ SENTIDO?

Lacrolândia

45 | CRÔNICA

Eureka!

46 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | PARA ENTENDER A PÓS-VERDADE

É preciso só de dois livros do século XX

12 | ALPARGATA MASCULINA

Peça coringa pro verão

16 | DOR = RESULTADO?

Dor horrível não garante resultado

20 | PRA JANTAR A DOIS

Restaurantes para um jantar romântico

24 | ENTREVISTA

Cláudia Costin

28 | ENSAIO

Theba Pitylla

40 | ORGASMO PELOS PEITOS

Sim, é possível!



facebook.com/RevistaBecool

twitter.com/becoolmagazine

youtube.com/revistabecool

adngui@gmail.com



Olá, tudo bem? (Nós sabemos na voz de quem você leu isso). Hoje a carta aos leitores vai ser rápida, não porque tá tarde, mas porque temos compromissos pra hoje.

Ensaio com Theba Pitylla, nossa musa do Carnaval que posou inspirada em "Tieta"; como entender a pós-verdade (ou foda-se a verdade); como usar alpargata masculina; dor é sinal de resultado no treino?; os melhores restaurantes para um jantar a dois; entrevista com Cláudia Costin; como provocar orgasmo pelos peitos (não quer dizer que são partes íntimas).

Além disso, tem colunas, uma charge, Setlist, o melhor do Twitter e o roteiro dos paulistanos no mês. Boa leitura.

Você retweetou

Blenda @SrtaBlenda - 6 de fev
- vamos numa festa dia 18?
- quanto o ingresso?
- 220 reais!
- ah, vou ver aqui! Qualquer coisa te falo

1 17 18

Você retweetou

Snap: fredelboni @fredericoelboni - 7 de fev
Discuti com a minha mãe e, de forma madura, respondi: se tem uma coisa que me deixa bolado é gritar comigo sem eu ter feito nada.

18 180 555

Você retweetou

Entrevista D Emprego @Entrevistamento - 4 de fev
- Vamos brincar de quente ou frio?
- Vamooooooooo!

- Tá quente...
- E agr?
- Tá frio...
- FRIO? É QUE VOCÊ NÃO VIU EM CURITIBA LÁ É FRIOO

2 81 184

Você retweetou

Rogerinho do Ingá @caitomainer - 1 de fev
Como fez o corinthians, to escrevendo uma carta "valeu simone atendente de telemarketing" pelas horas de conversa sem resolver meu problema

1 42 101

Você retweetou

pedro @naoculpeopedro - 1 de fev
comendo doces as 3h11 da manhã

eu não to louco

to vivendo perigosamente

1 1

Você retweetou

Aneurisma do Cunha @charlesnisz - 27 de jan
Em 2007, coloquei como meta pessoal estar melhor que Eike Batista e esse dia chegou. Obrigado a todos que me apoiaram e torceram por mim

15 31

Você retweetou

Cinds @cindizinha - 27 de jan
2am melhor hr pra chegar em casa bebinha ❤️

1 3

Mulheres Que Amamos



CAMILA CABELLO

ficou conhecida nas audições do "The X Factor US", programa onde, junto com outras cantoras, formou o grupo Fifth Harmony. Ela nasceu no dia 3 de março de 1997 na cidade de Cojimar, em Cuba.

Cabello morou no México e em Havana antes de se mudar para os Estados Unidos. Na girlband Fifth Harmony, Camila ganhou grande visibilidade e uma legião de fãs dela e de suas parceiras de banda Ally Brooke, Dinah Jane, Normani Kordei e Lauren Jauregui.

Os sucessos "Worth It" (2015), "Sledgehammer" (2015) e "Work From Home" (2016) fizeram delas um grupo cada vez mais influente, em que Camila também pudesse sobressair. Em projetos fora da banda, na sua carreira solo, ela fez parcerias com Major Lazer, Shawn Mendes, Benny Blanco e outros astros da música internacional. Camila diz que uma de suas inspirações é a cantora Demi Lovato e ela também já confirmou a admiração pela ex-boy band One Direction.

Recentemente, anunciou sua saída do Fifth Harmony para iniciar sua carreira solo. Seu hit mais recente é "Bad Things", em parceria com Machine Gun Kelly.

Set List

PARA CURTIR ESTE MÊS DE VERÃO

O verão está entrando em seu último mês e, para te ajudar a aproveitar o que ainda resta da estação mais quente do ano (tapa na cara), apresentamos esta Setlist inspiradora.



5. MC BEIJINHO – ME LIBERA NEGA

Escolha óbvia, já que até Caetano Veloso cantou essa música em um vídeo. O refrão da música foi cantado pelo MC quando estava sendo preso, em 18 de novembro do ano passado, para uma equipe da RecordTV. Que evolução essa do seu Ítalo, hein? Da prisão para o nosso quinto lugar.



3. LITTLE MIX – SHOUT TO MY EX

Essa música está preenchendo nossa cota de pop, porque a da Taylor com o Zayn é meio igual à maioria das outras músicas e comparando o resto... Nada contra Little Mix, a gente jura, mas é que a cota de mandar o ex à merda deveria ser de Simone & Simaria.



1. PLAYBOY DO BONÉ – CHIKUNGUNYA E A ZIKA

Faz um tempo que a gente tava querendo colocar o Playboy do Boné na Setlist... Na verdade, essa Setlist foi só uma desculpa pra isso acontecer.



4. SIMONE & SIMARIA – LOKA (PART. ANITTA)

Mais uma candidata a hit de 2017, dessa vez um featuring entre uma daquelas duplas sertanejas em evidência que a gente não decora o nome e a Anitta.



2. WESLEY SAFADÃO – SOLTEIRO DE NOVO (PART. RONALDINHO GAÚCHO)

Só a participação do Ronaldinho já é um sinal de que a música merece ser ouvida por todos. Medalha de prata para esse 99% gênio da música.



NÃO DEIXE DE OUVIR: 2 ATOS

O novo álbum do MC mineiro Matéria Prima traz um som mais tranquilo, menos baseado em sample e bass e destinado a expandir horizontes. Um disco de rap com elementos de MPB e até faixa em inglês. Disponível no Bandcamp.

Roteiro SP



FILME: A LEI DA NOITE

Boston, década de 1920. Joe Coughlin, filho mais novo de um capitão de polícia, se envolve com o crime organizado. Ele aproveita seus dias rodeado de dinheiro e poder, mas suas escolhas podem levá-lo à prisão, ou até mesmo à morte. Adaptação do livro escrito por Dennis Lehane.



LIVRO: O HOMEM INVISÍVEL – EDIÇÃO COMENTADA

(Zahar, 200 páginas, R\$ 50) Os habitantes da pacata Iping têm toda razão de não conseguirem falar sobre outra coisa... O desconhecido que se hospedou na pensão local está sempre coberto da cabeça aos pés, com o rosto inteiramente envolto em bandagens. Além disso, chegou trazendo um verdadeiro laboratório portátil e um rastro de mistério, que aumenta ainda mais quando crimes começam a acontecer e quando se descobre que o homem é... invisível!



DANILO CAYMMI
canta TOM JOBIM

CD: DANILO CAYMMI CANTA TOM JOBIM

(Universal, R\$ 25) Esse é um álbum-homenagem ao aniversário de TOM. Danilo Caymmi fala do álbum: "Não sabia que eu era cantor até 1983 quando entrei para fazer parte da Banda Nova de Tom, a convite de seu filho Paulo. Show em Viena com orquestra. Durante um dos ensaios Tom pediu que eu cantasse duas de suas músicas. Neste momento descobri em mim o cantor que eu mesmo desconhecia! O maestro sabia tudo! Esse trabalho é dedicado a esse ser humano maravilhoso único e toda a sua família. Aqui está o melhor de mim."



SHOW: TULIPA RUIZ

Em 2010, Tulipa Ruiz estreava no mercado independente com "Efêmera". Cinco anos depois, a cantora e compositora paulista surpreende e se reinventa com Dancê. A sonoridade está ainda mais encorpada, em faixas com forte presença de metais e sopros, com arranjos de Marcio Arantes e Jacques Mathias. Mas também tem canção para dançar a dois, colado. É uma pista particular para todas as cabeças e gerações. Ao longo de onze faixas, Tulipa versa, como sempre fez, sobre o agora. Dia 19, às 18h no SESC Osasco: Avenida Sport Club Corinthians Paulista, 1300, 06132-380. Telefone (11) 3184-0900. Ingresso: R\$ 6 a R\$ 20.



Para entender a
Pós-verdade

Dois livros do século XX, contundentes e proféticos, ajudam a desvendar a sociedade da imagem e do espetáculo do século XXI.

Por THOMAZ WOOD JR





O ano

de 2016 foi profícuo em análises sobre a natureza ficcional da política contemporânea. A revista britânica *The Economist* partiu do óbvio: políticos sempre contaram mentiras. O problema é que agora eles parecem estar abandonando inteiramente o lastro da verdade.

Megan Garber, escrevendo para a revista norte-americana *The Atlantic*, relembrou oportunamente a obra clássica de Daniel Boorstin, publicada em 1962 – *The Image: A guide to pseudo-events in America*. Ao analisar o avanço da fotografia, do cinema, da tevê e da propaganda, o historiador alertou que a nossa sociedade estava substituindo a realidade por eventos dramatizados e trocando heróis por celebridades.

Boorstin observou que o dia a dia passou a ser habitado por pseudoeventos, acontecimentos não espontâneos que guardam uma relação ambígua com a realidade e são criados com o propósito específico de seduzir ou manipular a audiência. Pseudoeventos são mais dramáticos e atraentes que eventos espontâneos.

A imagem, seja um filme, uma foto ou uma notícia, é um simulacro da realidade, produzida para ser mais dramática e sedutora do que o fato. A imagem não é necessariamente uma mentira, mas pode ser. O notável é que o lastro do fato é pouco

relevante.

O escritor italiano Umberto Eco certa vez observou que em um passeio pela reconstituição do Delta do Mississippi, em um dos parques temáticos Disney é possível ver mais jacarés do que no ambiente natural original e isso torna o fato de serem mecânicos completamente secundário.

Outra obra profética do século XX foi *La Société du Spectacle*, do pensador francês Guy Debord. O livro foi publicado em 1967, cinco anos após o de Boorstin. A espetacularização, para Debord, é consequência da evolução das condições de produção, que quebra a unidade de vida, extraíndo as imagens e agrupando-as em uma grande e única corrente.

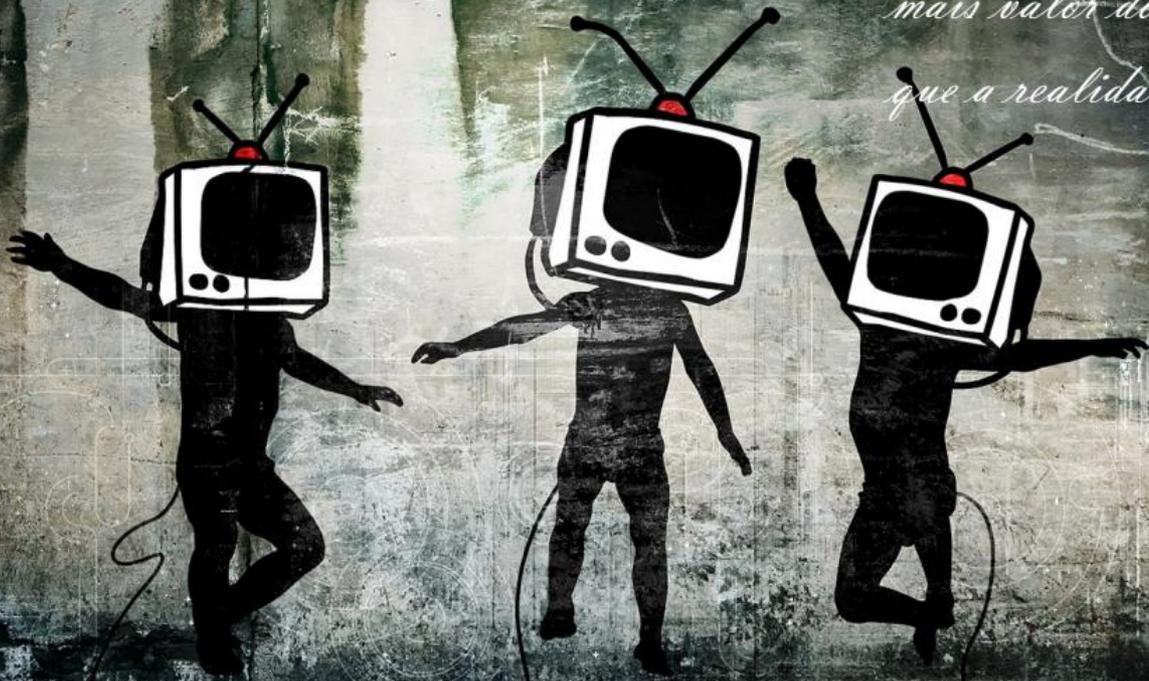
O espetáculo produz uma representação superior ao mundo real. Cria-se dessa forma um mundo à parte, onde a relação entre os indivíduos é mediada por imagens.

O espetáculo, ainda segundo Debord, manifesta-se na mídia de notícias, na propaganda, nas atividades culturais e nas interações pessoais. O espetáculo é uma narrativa totalizante que justifica, legitima e celebra o sistema. Toda a sociedade e os fenômenos sociais estão baseados e são permeados pelo espetáculo.

O habitante da sociedade do espetáculo é o espectador, ser que não vive, apenas contempla. Ele é eterno coadjuvante, pressionado a encontrar o seu papel e a desempenhá-lo. O espetáculo fornece o roteiro, o ato e a fala, e ainda avalia o desempenho, de acordo com critérios de excelência em representação.

O próprio espetáculo determina o que são necessidades e

*O simulacro tem
mais valor do
que a realidade.*



e desejos válidos e adequados. No espetáculo, o indivíduo sem individualidade procura conforto para suas necessidades e seus desejos. É atendido pela experiência de emoções tão fortes quanto rasas.

A sociedade da imagem e do espetáculo, da pós-verdade, é uma estrutura disciplinadora, habitada por voyeurs que espiam obsessivamente a si mesmos e uns aos outros, produzindo e assimilando imagens.

Nas telas das tevês, dos computadores e dos telefones celulares, o espectador-voyeur penetra no mundo do personagem-voyeur. Voyeurs são espias e objetos de espia. Tudo que era diretamente vivido, como observou Debord, foi reduzido a mera representação.

A imagem e o espetáculo avançam. O cinema já teve o monopólio de imagens. Hoje divide espaço com outros canais de produção e geração de imagens, como a tevê e a internet. O fluxo imagético não tem início nem fim.

A imagem não representa mais nada em especial, ela existe por e para ela mesma. Tem a finalidade de saciar uma demanda ansiosa por entretenimento e por emoções. E a sociedade a produz e consome, em notáveis ritos de auto-hipnose.

O cinema, a tevê e a internet passaram a permitir um prodígio: viver em um mundo no qual o simulacro tem mais valor do que a realidade. Medimos a realidade por sua contraparte virtual. O risco para uma sociedade maciçamente orientada para a imagem é a perda da noção de realidade ou, ainda pior, a perda da preocupação com a perda da noção de realidade. ■

P
O
st
t
R
u
th





Alpargata masculina

A peça coringa para ficar estiloso neste verão.

Por KATRYN BEATY

ALPARGATA MASCULINA



As espadrilles (ou alpargatas, como são mais popularmente conhecidas no Brasil) tiveram seu auge nos anos 70. Mas como tudo na vida se recicla, são tendência mais uma vez para o verão 2016/17.

E não, elas não são apenas para mulheres. Nada de fazer cara feia, ok? Eu sei que quem experimentar vai se render à incrível sensação de leveza. Sua construção em tecido e sola de corda vão ser sua salvação num dia escaldante de verão.

E o melhor de tudo? Praticidade. Não precisa colocar meia, não precisa amarrar, não precisa de nada. Apenas deslize seu pé dentro delas e caminhe.

A alpargata traz um ar despojado para o look. Ela é perfeita para dias mais casuais. Agora, casual não quer dizer que você só deve usá-la com shorts e camiseta. Muito pelo contrário: elas ficam super modernas quando combinadas com uma camisa leve e calça de sarja — e nós mulheres achamos super charmoso, caso você esteja se perguntando.

Não sabe como usar? A gente te ajuda. Seguem algumas dicas:

ROUPAS LEVES: Elas ficam ótimas com bermudas e calças leves, como calças de linho ou de sarja. O legal é dobrar um pouco a barra e deixá-las à mostra.

LISA: Se você não quer arriscar muito, ou é mais básico, escolha as alpargatas lisas porque são mais fáceis de combinar. Prefira cores escuras e neutras como preto, azul marinho e bege. Assim

não tem como errar na combinação e você não precisa pensar muito.

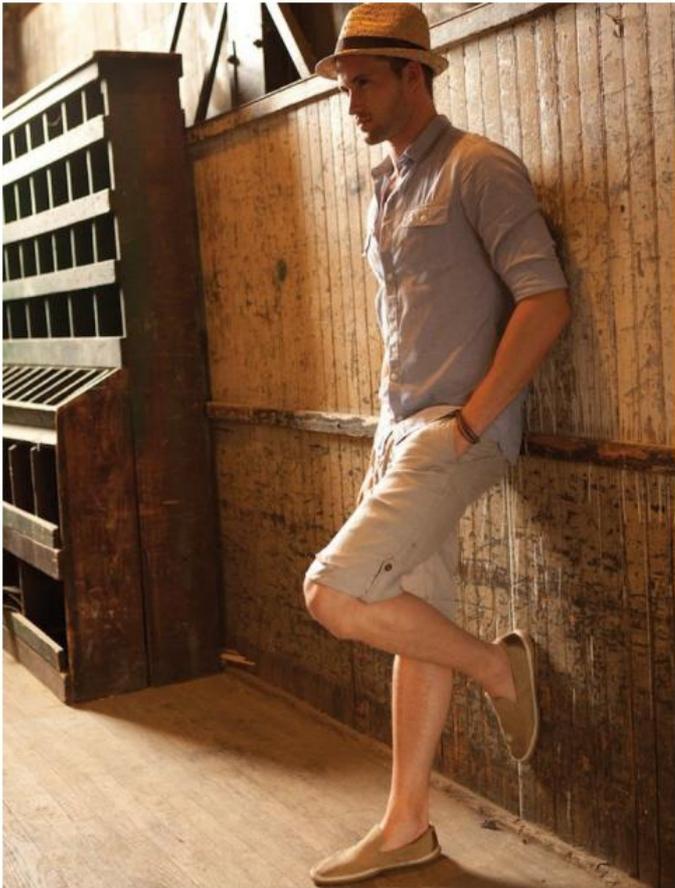
ESTAMPADA:

Já para os mais ousados, as estampadas são uma opção super bacana. Mas na hora de usar, prefira looks um pouco mais neutros, sem muita estampa na parte de baixo para não parecer uma obra de arte ambulante. Calças e bermudas lisas são a melhor opção.

ONDE COMPRAR:

Muitas marcas hoje oferecem alpargatas, como a Sandro Moscoloni, Havaianas e Cervera. Em lojas online como a Dafiti você vai encontrar outras dezenas de opções. ■





A alpargata traz um ar despojado para o look.





A photograph of a person in a gym performing a tricep extension exercise. The person is lying on a bench, holding a dumbbell with both hands above their head, with their arms extended upwards. The background shows a rack of dumbbells and other gym equipment. The lighting is warm and focused on the person's arms.

DOR = RESULTADO?

Não é necessário uma dor terrível para ganhar massa.

Por RICARDO WESLEY

HOSTELS



Dor muscular tardia é aquela que sentimos após o treinamento. Costuma ter seu pico entre 24 e 48 horas depois de sua visita à academia.

As pessoas tendem a acreditar que o ácido lático é o responsável por essa queimação, que é causada principalmente pelos exercícios de média duração, como, por exemplo, séries de 20 repetições ou uma corrida de 400 metros.

A verdade, porém, é que o acúmulo dessa substância é estabilizado rapidamente. E, após 25 minutos de repouso, metade do ácido lático já deixou o seu corpo. Logo, como poderia ele ser o responsável pelas dores do dia seguinte?

Esse tipo de dor tardia é resultado, normalmente, das micro-inflamações que são geradas à partir das micro-lesões que a contração muscular causa.

É justamente esse desgaste que vai fazer com que a musculatura tenha o estímulo para hipertrofiar, se adaptar, crescer e melhorar.

Mas não é necessário uma dor terrível para você ganhar massa muscular. Eu costumo dizer o seguinte aos meus alunos: “Um dia após a musculação, você deve sentir uma sensibilidade no músculo suficiente para te lembrar o que treinou ontem, porém não uma dor propriamente dita.”

Muitas vezes as pessoas buscam pela dor tardia, achando que



isso é um sinônimo de bons resultados — o que é incorreto. O estímulo muscular deve ser adequado para o seu treinamento. Séries com desgastes grandes e frequentes vão provocar lesões em vez de te deixar em forma.

É normal que com a troca de treinos (ou com o aumento da frequência deles) ocorra uma leve dor ao realizar as contrações. Mas dores que impossibilitam movimentos, que se fazem sentir com as musculaturas relaxadas ou que estejam muito intensas ainda no próximo treino dessa musculatura são sinais de que você exagerou.

O importante é analisar o volume total, a densidade e a intensidade dos exercícios em seu treinamento. E não a dor tardia. ■



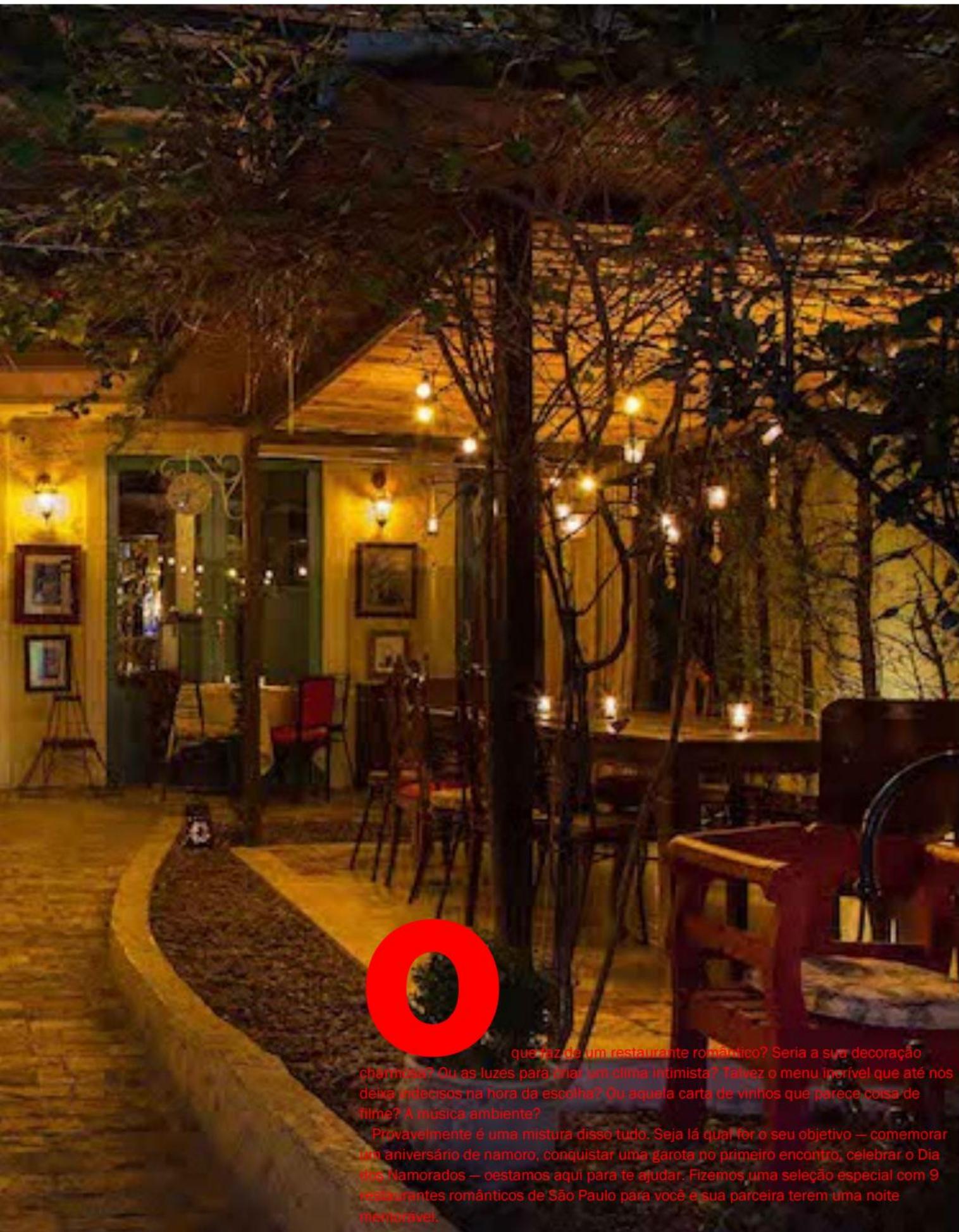
Dores que impossibilitam movimentos são sinais de que você exagerou.



PRA JANTAR A DOIS

9 restaurantes pra marcar um jantar romântico.

Por PEDRO NOGUEIRA



que faz de um restaurante romântico? Seria a sua decoração charmosa? Ou as luzes para criar um clima intimista? Talvez o menu incrível que até nos deixa indecisos na hora da escolha? Ou aquela carta de vinhos que parece coisa de filme? A música ambiente?

Provavelmente é uma mistura disso tudo. Seja lá qual for o seu objetivo — comemorar um aniversário de namoro, conquistar uma garota no primeiro encontro, celebrar o Dia dos Namorados — estamos aqui para te ajudar. Fizemos uma seleção especial com 9 restaurantes românticos de São Paulo para você e sua parceira terem uma noite memorável.

JANTAR A DOIS



RUELLA

A foto já diz tudo. O Ruella é definitivamente um dos restaurantes mais românticos da cidade. E o melhor? Ele tem 3 unidades lindas. A primeira, na Vila Olímpia, foi aberta em 1996. Depois vieram as unidades de Pinheiros (2011) e Mário Ferraz (2015). Sua cozinha é europeia contemporânea. www.ruella.com.br

CHOU

Se você gosta de pratos mais ousados, o Chou é para você. É até difícil definir a sua especialidade. Mediterrânea? Sul-americana? Brasileira? Pode-se dizer que isso tudo junto. Mas o que realmente importa é que o resultado das receitas é fantástico. A casa está localizada em Pinheiro e tem um ambiente que é puro charme. Vale a visita. www.chou.com.br

TERRAÇO ITALIA

É impossível fazer uma lista dos lugares românticos e deixar o Terraço Italia de fora. Dificilmente você encontrará uma vista mais bela de São Paulo do que nele, que fica no 41º andar do Edifício Italia, no Centro. Não à toa o restaurante virou um marco turístico da cidade. www.terracoitalia.com.br

FAMIGLIA MANCINI

Quando você chega à rua Avanhandava, na Bela Vista, parece que está entrando numa pequena cidade no interior da Itália. Ela

foi revitalizada pela prefeitura alguns anos atrás e virou um oásis europeu no centro de São Paulo. O coração da Avanhandava é a Famiglia Mancini, um ícone da culinária italiana na cidade desde 1980. www.famigliamancini.com.br

PARIS 6

Dizem que Paris é a cidade mais romântica do mundo. Infelizmente 11 horas de avião nos separam da França. Mas o Paris 6, nos Jardins, traz toda essa atmosfera para os nossos lados. Sua inspiração são os cafés, bistrôs e brasseries da capital francesa. www.paris6bistro.com

BLÚ BISTRÔ

A música é um fator essencial do romantismo. Que tal um bistrô, então, que possui um pequeno terraço interno onde um trio de jazz faz a trilha da noite? É assim que as coisas funcionam no Blú Bistrô, em Perdizes. www.blubistro.com.br

VICOLO NOSTRO

O Vicolo Nostro, no Brooklyn, é um dos restaurantes mais charmosos da capital paulista. As massas são maravilhosas e o ambiente acolhedor, com muitas luz de vela para dar o clima. www.vicolonostro.com.br

ERA UMA VEZ UM CHALEZINHO



**Para você e sua parceira
terem uma noite
memorável.**



Fato? O frio é romântico. Enquanto o calor dá vontade de correr para a praia, o frio pede um bom vinho e uma boa companhia. Um prato perfeito para essa temperatura mais amena é o fondue, especialidade do Era Uma Vez Um Chalezinho, no Morumbi. E, sim, ele realmente fica num chalé, caso você esteja se perguntando. www.chalezinho.com.br

L'AMITIÉ

Mais um representante da culinária francesa em nossa lista, o L'amitié fica um sobrado discreto e aconchegante no Itaim. Se o tempo estiver bom, vale a pena pegar uma mesa na área externa do restaurante, que parece um pedacinho da França em São Paulo. www.lamitie.com.br ■



‘A educação no Brasil não ensina a pensar’

Coordenadora do Centro de Inovação em Políticas Educacionais, Cláudia Costin afirma que, em educação, o Brasil está estagnado em um patamar ruim.

Por MARCOS DE AGUIAR VILLAS-BÔAS

U

ma das maiores especialistas do mundo em políticas educacionais, Cláudia Costin acumulou passagens pela secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro, de Cultura no Estado de São Paulo e ainda foi ministra da Administração e Reforma do Estado no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Durante sua passagem pela pasta de Educação no Rio, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) cresceu 22%. Ao sair da administração pública, tornou-se Diretora Global de Educação do Banco Mundial e, desde 2016, é professora visitante em Harvard.

Atualmente, coordena o Centro de Inovação em Políticas Educacionais (CEIP) na FGV do Rio de Janeiro.

Nesta entrevista, Costin defendeu uma educação que foque no desenvolvimento de competências socio-emocionais, como empatia, liderança, iniciativa e resiliência, e que considere o contexto de cada aluno e no que se deseja deles no futuro. A educadora também sustenta que o Ideb é um bom índice, mas carece de complementação por outras avaliações.



ENTREVISTA



O erro é uma grande oportunidade para se aprender.

As crianças brasileiras estão indo mais à escola, porém não estão aprendendo. O Ideb veio aumentando em diversos municípios nos últimos 10 anos. Por outro lado, o Brasil teve um resultado muito ruim no Pisa. Qual sua análise?

Cláudia Costin: No País, o Ideb vem aumentando consistentemente nos anos iniciais do Ensino Fundamental (dado baseado na Prova Brasil de 5º ano), mas está estagnado nos anos finais, segundo os dados da Prova Brasil do 9º ano, e estagnado em um patamar baixíssimo no Ensino Médio.

Então, como país, estamos com um Ideb inaceitavelmente baixo, sobretudo quando sai de cena o professor generalista, que dá aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Alguns municípios conseguiram mudar esta situação, como é o caso de Sobral, no Ceará, mas o quadro geral do Brasil ainda é muito ruim.

Quando olhamos para o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), o Brasil está na posição 63 entre 70 economias ou países. Falo “economias” pois alguns participaram como cidades ou conglomerados de cidades.

O Brasil melhorou no Pisa de 2012 em matemática - foi o país que mais melhorou nessa disciplina - e ficou na posição 58 entre 65 países. Em 2015, porém, sequer houve melhora. O país está estagnado num patamar muito ruim.

Nos resultados do Pisa de 2015, chama a atenção o fato de que o Brasil vai mal em várias competências na área de Ciências, por exemplo, em como pensar cientificamente e utilizar a teoria na solução de problemas práticos. Isso demonstra que falta algo importante no nosso processo de ensino e que, talvez, tenhamos batido no teto de vidro no processo de melhoria.

Nós não ensinamos a pensar.

No Brasil, quando se fala nas teorias de Paulo Freire, em ensinar a pensar criticamente ou a formar cidadãos críticos, os professores decodificam isso, muitas vezes, como ensinar a visão de mundo deles para o aluno.

Isso não é ensinar a pensar. Não tenho nada contra passar a visão do professor para o aluno, mas ensinar raciocínio crítico é

ensinar a formular seus próprios juízos sobre os fatos, a raciocinar matematicamente, historicamente e cientificamente; é pesquisar evidências.

A escola no Brasil, via de regra, não tem isso no seu currículo.

E especificamente sobre o Ideb?

Obviamente, o Ideb não mede tudo - e nem deveria ser essa a proposta. O índice é como um termômetro que testa se a criança tem febre. Só que, depois disso, é preciso aprofundar a questão com outros instrumentos. Outra avaliação, o Pisa,

tem uma gama de instrumentos um pouco maior, mas tampouco mede tudo.

Li um relatório da [consultoria empresarial norte-americana] McKinsey muito interessante. Ele mostra que sistemas educacionais em diferentes estágios na sua evolução demandam um conjunto de intervenções e de políticas públicas diferentes. Se o país, estado ou município está num nível muito baixo, é preciso estruturar o processo de ensino num currículo muito claro, com materiais adequados para apoiar o professor de uma forma mais clara.

O relatório mostra que em economias como Xangai ou na Coreia do Sul, é importante promover maior criatividade, fomentar o trabalho colaborativo entre os professores, dando mais autonomia a eles.

Em países ou cidades com menor aprendizagem, o foco deveria ser estruturar o processo de ensino, padronizar o material didático, enfatizar letramento e criar uma ação coordenada em todas as escolas do sistema.

No caso de Sobral, por exemplo, que tem o melhor resultado do país no Ideb de anos iniciais, é preciso pensar em como avançar a partir do ponto atual.

Talvez, seria o caso de tornar as aulas mais dialógicas, em que o professor engaje os alunos num processo de reflexão a partir do que está sendo ensinado, fortalecer o trabalho colaborativo entre os docentes e definir claramente que tipo de cidadão e profissional se quer formar na cidade.

E como formar para o mercado de trabalho? Em primeiro lugar, precisamos pensar em formar para o empreendedorismo. Isso demanda que os alunos enfrentem novas experiências e não tenham medo de errar.

O erro é uma grande oportunidade para se aprender. Se você quer, por outro lado, formar para empregabilidade, é importante definir claramente de que mercado estamos falando: o atual de Sobral ou arredores ou o que existirá na região quando esses jovens se formarem.

Sobre ensinar o aluno a pensar, talvez se perca de vista na discussão da Escola sem Partido, para além dos dois polos de manter o ensino como está ou pro-

bir que os professores expressem suas visões, inclusive com sanções, uma hipótese de orientar os educadores para que ensinem todos os temas, e especialmente aqueles com caráter político, por duas ou mais perspectivas, estimulando a empatia, o diálogo, a visão complexa etc.

Sou contra definir o processo pedagógico por lei. No próprio currículo, quando se estabelecem as competências a serem desenvolvidas e os conteúdos que garantam essas competências, deveriam existir orientações para os professores, estimulando a exposição de diferentes ângulos de leitura de uma mesma situação, e até promover debates entre os alunos.

Nesse processo, é, de fato, possível desenvolver empatia, aprender a ouvir a posição do outro e assim por diante.

Hoje postei nas redes sociais a frase “quem pensa diferente de mim não é meu inimigo”. Há diferentes maneiras de se ler uma questão, de se olhar para o problema, mesmo em história, em matemática.

Enfim, sou a favor de uma orientação para que os professores ensinem com diversas perspectivas, estimulando o indivíduo a pensar e a ser tolerante. Isso não significa que o docente não possa expor sua visão de mundo ao aluno, e sim que o ajude a pensar por si próprio.

Voltando aos índices de avaliação, o que pode ser feito para se ter uma visão mais ampla da educação brasileira?

Os municípios deveriam ter uma avaliação diagnóstica no início do ano letivo para saber de onde o aluno está partindo no seu aprendizado. No Rio de Janeiro, incluímos uma avaliação diagnóstica antes de começar o processo de alfabetização.

Afinal, os alunos entram no 1o ano do Fundamental em estágios diferentes de letramento. Assim, pode-se verificar quanto o aluno conseguiu avançar e, o professor, é capaz de personalizar o processo de ensino, adequando-o às necessidades de cada um.

Uma avaliação diagnóstica é importante. E há o que se chama em educação de avaliação formativa, aquela feita, pelo próprio professor, ao longo do tempo, para ver onde exatamente há fraquezas que precisam ser superadas ou até se há alunos mais avançados, pois, se não houver atenção a isso, eles podem se entediar com o processo de ensino.

Qual é o futuro da educação?

O futuro da educação será um processo de maior personalização. A tecnologia da informação vai apresentar grandes saídas para isso. Até meados do século XIX, os nobres estudavam com tutores, num contexto individualizado. Poucos estudavam à época. Depois, os países avançados decidiram massificar a educação, o que obrigou a construir escolas com salas de aula para muitos e a adotar um processo de ensino-aprendizagem em que todos aprendem a mesma coisa. Isso trouxe a vantagem de ampliar a escolaridade, mas perdeu-se a percepção de que cada criança e adolescente tem seu ritmo e suas dificuldades para aprender.

Temos que retomar as vantagens do processo de personalização, num contexto no qual todos possam ter acesso a isso. Com o

advento das modernas tecnologias e com um professor sendo formado para ser um assegurador de aprendizagem, e não um mero fornecedor de aulas, é possível caminhar para isso. Mas, a tecnologia só funciona se for usada para apoiar o professor, não para substituí-lo.

Não creio que, para além das avaliações somativas, feitas pelos sistemas, e das formativas, organizadas pelo próprio professor ou pelos municípios, nós precisemos de outras. Precisamos incluir nos currículos as competências sócio emocionais ou habilidades para a vida, tais como empatia, garra, resiliência, autocontrole, abertura para novas experiências, e abordá-las nas escolas, de forma integrada às competências cognitivas.

A senhora tem dito que há muitas teorias e perspectivas na educação, e que é preciso se ater mais a estudos científicos que as comprovem. Há vastos estudos comprovando que a prática da meditação molda positivamente o cérebro dos indivíduos. Os efeitos da prática em escolas têm sido ótimos. Seria o caso de aplicá-la nas escolas do Brasil?

Sim, mas a meditação tem que ser incorporada no processo de ensino. Ela não pode entrar como uma nova disciplina. Tenho receio quando cada conteúdo novo se torna uma disciplina. Estamos vivendo essa crise, pois, entre outras coisas, o Brasil é o único país no seu grau de desenvolvimento que tem, no ensino médio, só quatro horas de ensino em média, com 13 disciplinas, todas obrigatórias. Isso não pode dar certo.

Não deve ser o caso da meditação. Muitas escolas, em vez de punição para situações de indisciplina, adotam estratégias de meditação. Há um exemplo muito interessante aqui no Rio de Janeiro.

Por exemplo, após ser perguntada sobre a razão de os seus alunos conseguirem resultados tão surpreendentes e uniformes na avaliação do 1o ano e numa área tão complicada da cidade, uma das melhores professoras alfabetizadoras da rede me contou o seguinte: “Olha, as crianças chegam muito tensas pela manhã. Então, nós nos sentamos sobre a linha [a linha Montessoriana, um círculo pintado no chão em todas as escolas do Rio] e, primeiro, cada um conta uma coisa que o perturbou no dia anterior”.

Normalmente, eram relatos sobre o pai sendo preso, tiroteios e outras coisas muito graves. Ela continuou: “Depois a gente dá as mãos e fica em silêncio por um minuto”.

Eu percebi que, dentro das limitações, a professora claramente tinha introduzido a meditação na turma dela. Eles faziam a catarse, ou seja, punham para fora os problemas e depois meditavam. Essa se tornou a melhor turma de alfabetização daquele ano.

Esse fato demonstra que há, sim, um efeito positivo, mas não precisa haver uma disciplina de meditação. Os professores devem ser capacitados para usar a meditação como um recurso pedagógico. Se a carga horária for aumentada para, por exemplo, 7 horas de aula, dá para fazer um trabalho estruturado, um período em que há a meditação.

Ela poderia, inclusive, reduzir as expulsões de sala de aula, pois, muitas vezes, o aluno apenas está tenso ou é hiperativo. ■



A close-up photograph of a person's leg floating in clear, bright blue water. The person is wearing white, lace-trimmed underwear. The water has a textured, wavy surface. The text 'Theba Pitylla' is overlaid in red on the water.

Theba Pitylla

















Enquanto De...
Não há quem...





ORGASMO PELOS PEITOS

Sim, é possível e nós ensinamos como.

Por THIAGO SIEVERS





PEITOS



Dá para levar uma mulher ao orgasmo estimulando somente os seios? Essa não é uma discussão nova. Muitos já se perguntaram se é possível fazer uma mulher alcançar o orgasmo estimulando somente seus seios. Nada de vagina, nada de clitóris — apenas os peitos.

Difícil, não? Certo que elas sentem muito prazer quando manipulamos corretamente essa área de seus corpos. Mas daí para gozar vai um grande passo. No entanto, sim, é possível. E a ciência está aí para nos explicar como.

O QUE A CIÊNCIA DIZ

Há um estudo que ficou famoso, publicado em 2011, que observou como a estimulação no seios atua no cérebro feminino. Você sabe, o prazer é físico, mas quem interpreta os toques, em todo o corpo, para traduzí-los como prazer (ou não) é o cérebro. Ou seja, entender qual área desse órgão é ativado ao toque dos seios pode clarear muita coisa. Como clareou.

O estudo colocou diversas mulheres dentro de um aparelho de ressonância magnética e pediram a elas para estimularem quatro partes do corpo: a vagina, o clitóris, os seios e a cervical. A partir dessas estimulações os pesquisadores descobriram que os toques nos peitos ativaram a mesma região cerebral ativada pelos toques na vagina e no clitóris: o córtex genital sensorial.

Isso significa que as mulheres processam o estímulo nas regiões genitais de forma semelhante ao estímulo nos seios. Nenhuma surpresa, portanto, que elas morram de prazer com uma carícia nos mamilos — algumas chegando mesmo ao orgasmo.

A IMPORTÂNCIA DE OUTROS ESTÍMULOS

Colocando a situação dessa maneira, poderíamos até chegar a pensar que bastaria algumas movimentações mágicas no peito da mulher para ela gozar. Bem, se a teoria talvez nos permita concluir isso, não é o que a prática mostra na realidade.

Quem de vocês, senhores, já levou uma mulher ao orgasmo somente pelos seios? A gente nunca pode falar de orgasmo considerando apenas toques e estimulações, onde quer que sejam. Como ficou claro, o orgasmo é uma reação controlada não pelo corpo — mas pelo cérebro. Então não é apenas um fator que faz uma mulher chegar lá. É uma composição complexa de muitos fatores.

A começar, por exemplo, pelo conforto e segurança. Impossível uma mulher gozar se não estiver se sentindo minimamente segura e confortável em sua presença. Ela travará de tal forma que os estímulos corporais não significarão nada além de uma invasão indesejada.

Portanto, antes de sair apertando, lambendo e chupando o peito da parceira, achando que vai fazê-la tremer de prazer, se preocupe com os movimentos preliminares, que servem de aquecimento para o sexo.



**Se preocupe
com os
movimentos
preliminares.**

É difícil imaginar que uma mulher totalmente fria vá gozar com alguns toques no seio. Agora, se pensarmos que já rolou uma boa preliminar e que ela está maluca de tanto tesão, mal se aguentando de olhos abertos, fica mais fácil considerar que um bom trabalho em seus peitos pode levá-la ao orgasmo, não?

COMO FAZÊ-LA GOZAR

Se você está descrente com essa ideia de fazê-la gozar pelas seios, saiba que um estudo com 213 mulheres revelou que 29% delas já tiveram essa experiência alguma vez na vida. (Duas garotas falaram sobre isso numa matéria da Cosmopolitan americana, a quem interessar ler.)

Ou seja, está em nossas mãos (e bocas) a capacidade de proporcionar isso a uma parceira. Mas não podemos ignorar o fato da sensibilidade de cada mulher na região. Algumas são hipersensíveis, bastando um leve toque para excitá-las, enquanto outras não ligam muito para a brincadeira nos seios. Não é difícil reconhecer a característica da companheira que está na cama contigo.

Além disso, para aumentarmos nossas chances de fazer uma mulher gozar com estímulo nos seios, é fundamental que saibamos manipular com maestria seus peitos. Uma estimulação inadequada pode gerar resultados catastróficos. Os seios são sensíveis e se tocados de forma errada causam incômodo e dor.

Então, antes de tudo, muita calma nessa hora. Comece sempre com toques muito leves e lambidas suaves e lentas. O ritmo aumenta e se intensifica conforme a resposta da parceira. Ah, e não se esqueça dos movimentos circulares. Agora é partir para a vida e ver se tiramos essa teoria dos livros. Bora? ■



Lacrolândia



Quase não consegui identificar o policial, que estranhamente não usava farda e parecia não se incomodar com a presença de uma completa estranha. Não é que ele não tinha trabalho nenhum. Bem, ao menos ele deveria ter algum trabalho. Por mais colorido e cheio de lugares descolados que seja um lugar, sempre há a necessidade de policiamento. Mas eu estranhei a tranquilidade dele quando me viu. Não sei se estranhei mais a tranquilidade ou a barba.

Fui em direção ao policial. Não pra saber da tranquilidade ou da barba dele. Mas é que eu não fazia ideia de que lugar era aquele e precisava de informações.

- Com licença,...

- Posso ajudar?

- Eu descii dois pontos depois do ônibus e...

- Você provavelmente estava pensando nas angústias da vida.

- Não! Eu tava falando no celular.

- A tecnologia nos aproxima e nos afasta ao mesmo tempo.

- Não! - se ele não fosse uma autoridade eu já estaria xingando -

Eu tava falando no celular normalmente e perdi o ponto, aí eu descii aqui e...

- Porque o celular afastou o nosso contato com a realidade.

- Escuta, eu só quero mesmo saber que lugar é esse.

Ele ficou em silêncio por um tempo. Será que nem ele sabia onde estava? Mas não era lá que ele trabalhava?

- Oi? Você pode me dizer onde eu estou?

- Você está aqui. Mas o que é aqui...?

Ele disse muitas outras coisas, nas não parei para ouvir. Decidi sair pra buscar informações e vi um menino.

- Oi, eu tô perdida.

- É que você não viu as crianças na Síria.

- Não, eu tô perdida porque eu não sei que lugar é esse e nem como eu volto pra casa.

- Muita gente adoraria chamar esse lugar de casa.

A mãe estava bem atrás da criança, com os olhos lacrimejantes. Nem tive tempo de perguntar a ela onde eu estava, pois saiu correndo dizendo que ia contar aquela bonita história no Facebook. Mas eu não podia me dar por vencida e reconheci ali perto um terminal de ônibus. Óbvio que fui pedir informações.

A fila do balcão de informações estava cheia. Tive medo de não ser atendida. Por sorte - ou azar -, a garota na minha frente começou a puxar papo comigo.

- Você parece confusa -, disse ela.

- Eu descii no ponto errado e não sei aonde estou. Você pode me dizer, por favor?

Ela riu um pouco.

- Você tem cara de quem gostaria de morar aqui. Sério que você é de fora?

- É sério - só pelo tratamento do policial e da criança eu já sabia que detestaria morar ali.

- Você está na Lacrolândia, o lugar onde as fanfics se tornam realidade.

Eu já tinha ouvido esse nome em algum lugar. Foi no Facebook, quando um casal se disse natural de lá. Eu achava que eles estavam só lacrando, jamais imaginaria se tratar de um lugar real.

- Você sabe como eu volto pra casa? - perguntei, com esperança de que ela soubesse me tirar dali o quanto antes.

- Se você é de São Paulo, só sai da que se... - ela olhou para o guichê - Opa, parece que é a minha vez. Depois de mim, o guichê fecha.

Meio sem esperança, fui de estabelecimento em estabelecimento em busca de qualquer informação que me tirasse dali. Fui até em uma Starbucks em que todos os fregueses se identificavam como Fora Temer - o barista até estranhou quando dei meu nome de verdade. Antes de ir embora, ele perguntou o que eu achei do café.

- Achei top.

Imediatamente todos pararam o que faziam naquele momento e olharam para mim. Os olhares não eram amigáveis.

- Peguem a menina que fala top!

Eles começaram a vir na minha direção. Corri pra fora da Starbucks, mas a notícia do top já tinha se espalhado. A Lacrolândia inteira corria atrás de mim com as piores intenções. Até que um grupo me alcançou e eu fui carregada até ser jogada pra bem longe.

- E nunca mais volte aqui!

Machucada e atônita, olhei a paisagem sem esperança de saber onde estava, quando reconheci o ponto de ônibus em que eu deveria ter descido. Entreguei o curriculum que deveria ter sido entregue horas antes e peguei o ônibus direto pra casa.

Eureka!



Sou do tempo da decoreba. Um dia antes das provas, ficava trancado no meu quarto decorando. Decorando a tabuada, dois vezes dois, quatro vezes quatro, oito vezes oito. Decorando a capital da Noruega, da Suécia, da Finlândia, os afluentes do Rio Amazonas, quantas eram as Capitanias Hereditárias e o que é uma ilha, aquele pedaço de terra cercado de água por todos os lados.

Decorava o nome de quem descobriu o Brasil, a raiz quadrada de cento e quarenta e quatro, quem foi Nicolas Durand de Villegagnon e quem foi que inventou a lâmpada elétrica.

ALBERTO VILLAS é jornalista e escritor.

Sim, éramos obrigados a saber quem inventou o quê. A lâmpada elétrica foi Thomas Edson, o telefone foi Alexander Graham Bell, o telégrafo sem fio foi Guglielmo Marconi, o cinema foram os irmãos Auguste e Louis Lumière, o automóvel foi o alemão Karl Benz, a imprensa foi Gutemberg e a penicilina, Alexander Fleming.

Quando chegava o dia da prova, sabia tudo de cor. Que o Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral, que a capital da Noruega é Oslo, que a raiz quadrada de cento e quarenta e quatro é doze e que quem inventou a lâmina de barbear foi King Camp Gillette.

Confesso que Nicolas Durand de Villegagnon, me esqueci completamente quem foi.

Quando eu tinha uns dez anos de idade e o caminhão das Lojas Floriano Nogueira da Gama chegou na minha casa, em Belo Horizonte, trazendo aquela máquina de lavar roupa Bendix, eu tive certeza de que não havia mais nada o que inventar.

Depois daquela máquina que lavava, enxaguava e torcia, inventar mais o quê?, pensava eu com os botões do meu colete marrom do Colégio Marista.

Nunca poderia imaginar o mundo que ainda viria pela frente e quantas invenções não apareceriam, da noite pro dia, nesses anos todos que tinha pra viver.

Era um tempo em que não havia velcro, não havia cartão de crédito, não havia microondas, televisão de tela plana, controle remoto, cheque especial, cerveja em lata, freio ABS, Fora Temer e Super Bonder ainda era a Araldite.

Era um tempo sem computador, sem smartphone, sem iPad, sem senha, sem DDD, sem WhatsApp, sem Uber, sem Waze, sem Google, sem Wikipédia, sem Netflix.

Hoje, a decoreba está completamente fora de moda. Não tenho notícias de que menino algum nesse mundo se tranca no quarto pra decorar as cores da bandeira de Gana, de Zâmbia e do Zaire.

Hoje, tenho certeza que ninguém sabe quem inventou o leite sem lactose, o arroz parboilizado, a pipoca de microondas, nem o pão sem glúten.

Acho que hoje, menino nenhum sabe de cor a vida da rainha Joana, a Louca, do Conde d'Eu ou de Ivan, o terrível, como a turma do Marista sabia.

Menino nenhum sabe quem foi Mauricio de Nassau, a história de Caramuru, a importância de Zumbi, sequer os detalhes das incríveis aventuras do Bispo Sardinha.

Mergulhado há dias numa pesquisa monstruosa sobre invenções e inventores, fico aqui sentado no computador, olhando para essa pilha de livros ao meu lado e matutando poeticamente, junto com o Chico:

Você que inventou esse Estado

Inventou de inventar

Toda escuridão

Você que inventou a tristeza

Agora tenha a fineza

De desinventar

CHARGE

MAIS DE 80 FACÇÕES
DISPUTAM O PODER
NOS PRESÍDIOS DO
BRASIL!

PONTOS CORRIDOS
OU MATA-MATA?



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: CartaCapital, Sambarazzo, El Hombre, Vanguardas do Conhecimento, Purebreak, Adorocinema, Livraria da Folha e Guia da Semana.

MAIS

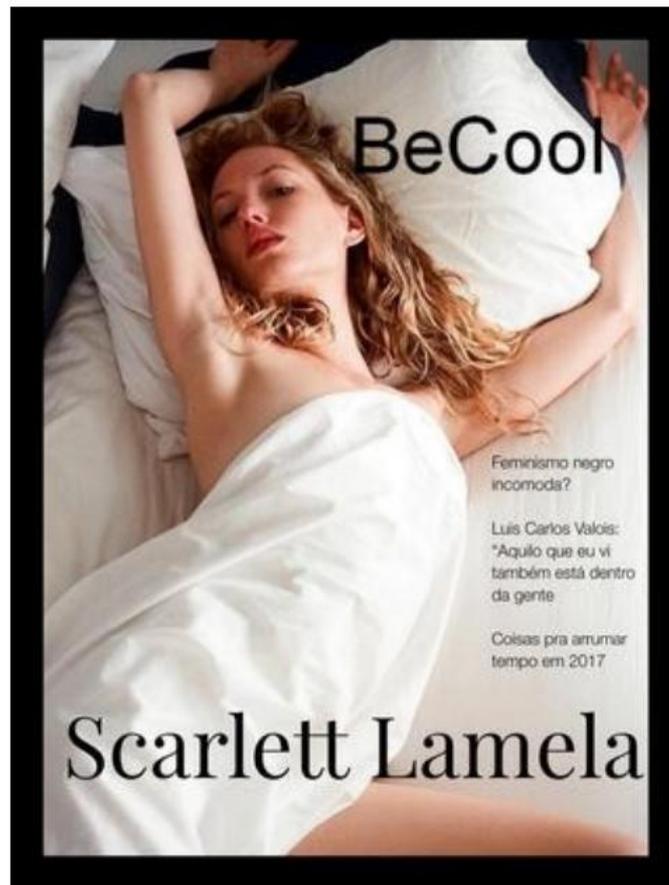


REVISTAS

BECool é uma publicação da Mais Revistas.

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com

LEIA TAMBÉM



SIGA-NOS

twitter.com/becoolmagazine

facebook.com/RevistaBecool

youtube.com/revistabecool

facebook.com/RevistaBecool
twitter.com/becoolmagazine
revistabecool.blogspot.com



PARA HOMENS QUE ENXERGAM ALÉM **BeCool**